

Demora

Fernando Fragozo

O tempo que passa não volta mais. Nós que nele passamos também não voltamos. O que fomos, fomos - e as marcas do tempo em nós se gravam. Rugas e lembranças são o que permanece - e o rosto do outro é sempre um espelho do tempo. Na memória, lembranças do que fomos - lembranças que somos. Memória em carne viva que nos tem, nos retém.

Que lugar é esse do qual nos lembramos? Que lugar é esse onde estamos? Que lugar é esse onde somos? Onde fica a memória? Onde ficamos?

Nascemos em algum lugar. Crescemos em algum lugar. Vivemos em algum lugar. Lugar de pedra e tijolo, talvez de barro ou madeira, terra ou cimento. Ponto geográfico, indicação em um mapa, placa numa estrada - uma situação, um sítio, um portão. Lugar concreto de ruas e tapetes, tetos e passagens, quartos, portas, esquinas e porões. Lugar repleto de cheiros, olhares, afetos, grandes medos, sons, tons - e certamente uma paixão.

Ficamos um pouco em cada lugar que passamos. Ficamos um pouco cada lugar que passamos. Ali permanecemos - e para sempre. Em nós fica - ou ficamos nós. Ali demoramos - e a etimologia da palavra aqui diz tudo. Morada que não é feita de tijolo e pedra - e no entanto também o é. Morada que é feita de acolhida, de afeto, de todo um fino tecido de confianças e lembranças que o tijolo e a pedra vêm apenas confirmar. Eterna demora que dura uma vida. Nossa vida, nossas vidas.

Pequeno espaço de tempo que para nós é tudo. Pequeno espaço de tempo que, na verdade, somos. Entre o primeiro e o último respiro, este místico intervalo (entre o que e o quê?) a que chamamos vida é todo feito dessa tessitura sutil de pedras e esquinas, de cheiros e afetos, que nossa memória diariamente confirma e que nossas histórias reavivam, para nós e para outros, numa permanente (demorada...) contemplação do que fomos - e portanto somos. É aqui que residimos, neste espaço de tempo tramado com barro e cal, perfumes e tinturas, vozes e essas pequenas pitadas de sal que fazem o olhar brilhar.

Ponto geográfico do coração, verdadeiro mapa de localização de nossas vidas, essa teia de afetos que nos guarda e nos abraça, nós a guardamos e abraçamos sem sequer nos darmos conta. É apenas quando se parte, se enrijece, ou talvez quando se amplia que voltamos a intuí-la. Dela por vezes nos damos conta quando algo, alguém, uma pintura, um poema, uma história, uma canção, uma imagem em movimento nos tocam.

Histórias, pinturas, canções que podem ser de outros. De outros locais, de outras vidas, de outras moradas - mas que por isso mesmo são também nossos. Porque essa teia que de perto nos envolve lança seus fios para mais além, mas nem sempre e nem todos a vêem. Por isso as pinturas, as histórias, os poemas, as canções. Que nos lembram, nos relembram que é apenas disso que é feita a fina e delicada tessitura da vida.

Talvez não haja como não ter melancolia - pois é ela em sua verdade, saudade. Saudade, soledade, solidão - solidão pela presente ausência do outro, dos outros, dos que foram, dos que, um dia, neste lugar - aqui - foram. Saudade pela presente ausência do que fomos, dos cheiros e afetos que se foram e que as pedras e esquinas apenas guardam porque estão em nós. E que o passar do tempo só desfaz porque tudo - e nós nele - passa.

Ampliar essa morada será talvez o melhor modo de suavizar essa saudade. Encontrar-se com o outro talvez possa ajudar. Novas pedras e tijolos, olhares e afetos que ampliam o fino tecido de que somos feitos. Troca de anedotas e lembranças que, ao se darem, de imediato tornam-se mais uma a ser contada. Trama finita que parece não ter fim e junto à qual, nesse curto espaço de tempo que nos cabe, demoramos.